
A LIBERDADE E A LEI NO SÉCULO XIX

Liberty and Law in the 19th Century

Adilma Secundo Alencar¹

LIMA, Bruno Rodrigues (org.). *Liberdade (1880-1882)*. Ed. Hedra. São Paulo. 2023. 440p. (Obras completas de Luiz Gama).

Liberdade é parte integrante da coleção *Obras Completas de Luiz Gama*, série de livros anunciados pela editora Hedra, sob a organização do pesquisador Bruno Rodrigues de Lima. O projeto pretende apresentar ao público oitocentos textos de Luiz Gama, seiscentos destes ainda inéditos. Dos onze volumes que compõem a coleção, quatro foram publicados em 2023, são eles: *Crime, Democracia, Direito e Liberdade*. Sob a supervisão do advogado e historiador do Direito, Bruno Rodrigues de Lima, cada volume carrega uma temática-síntese que, combinada a critérios cronológicos, organiza as obras.

Em 421 páginas, divididas em quatorze capítulos, *Liberdade* reúne textos publicados por Luiz Gama na imprensa paulista e carioca. A maioria deles, como é possível supor, foi publicada nos jornais de São Paulo. Os textos apresentados estrearam na imprensa entre 26 de julho de 1880 e 02 de agosto de 1882, os escritos têm em comum o tema da emancipação dos escravos. Sob olhar arguto e linguajar jurídico, as publicações vão intensificando a voz dos abolicionistas, elas denunciam a cada dia a violência dos senhores contra os escravos.

O livro é caro para todo aquele que se interessa pela história do Brasil, país forjado na violência física e legislativa, esta acobertando àquela, como demonstram, de modo inequívoco, os argumentos expostos semanalmente nos textos de Luiz Gama. Já é conhecido dos leitores que o advogado paulista dedicou parte da sua vida à defesa da liberdade dos homens e mulheres negros escravizados no Brasil. Talvez o que parte dos

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) e bolsista CAPES.

leitores desconheça sejam os arranjos discursivos e legislativos utilizados por Luiz Gama na defesa da liberdade, fato que expõe a maneira cínica com a qual os políticos e advogados escravocratas burlavam as leis criadas por eles próprios.

A linguagem jurídica de Luiz Gama poderia desencorajar leitores fora do campo do Direito, não fosse a condução do historiador e advogado Bruno Lima. Uma breve explicação do pesquisador antecede cada texto de Gama, o que conduz o leitor a compreender melhor os diálogos travados em cada um deles. A experiência do pesquisador Bruno Rodrigues de Lima - graduação e mestrado em Direito, atualmente doutorando em História do Direito pela Universidade de Frankfurt, Alemanha - é fundamental para compreendermos o papel de Luiz Gama perante os tribunais e nas discussões sobre a emancipação dos escravos. Organizador da coleção, ele quem clareia melhor o que está implícita em cada diálogo proposto por Gama.

Liberdade reúne textos fundamentais para as discussões acerca da abolição da escravidão. Luiz Gama usou a imprensa como meio de persuadir os leitores, a maioria deles senhores de escravos, da urgente necessidade de o país extinguir a escravidão. Para isso, expôs a violência com a qual os escravos eram tratados pelos seus senhores, além de travar diálogos acalorados com muitos adversários políticos-ideológicos.

O pesquisador Bruno Rodrigues de Lima ressalta que no período entre 1880 e 1882, a voz de Luiz Gama tornou-se radical, o que se comprova após a leitura da obra *Liberdade*. O advogado abolicionista, usando um artifício comum ao século XIX, vale-se de pseudônimos para fazer denúncias de violências cruéis que distintos senhores paulistas aplicavam aos seus escravos. É o que expõe o texto “Despertador moral”, publicado por Gama em 24 de novembro de 1880, no jornal *A província de São Paulo*. Nele, Gama assinou com um pseudônimo curioso, “Leão da Torre de São Bento”. O texto revela que “No interior de certo palacete vistoso, à rua S. Bento, uma pessoa de elevada condição social toma-se de nobres cóleras contra uma mísera crioulinha, ingênuo, filha de sua escrava, menor de nove anos de idade” (GAMA, 2023, p.239). A escolha do pseudônimo protege o autor da denúncia e posiciona o leitor num lugar privilegiado para a observação da vida dentro dos palacetes da rua S. Bento.

Outro ponto que valida a importância da obra é a perspicácia de Gama ao revelar os autores da violência, senhores nobres, católicos e poderosos. Ao fazer essa descrição nos jornais, o advogado expõe uma opinião que contraria o que à época era divulgado na imprensa, isto é, os escravizados como pessoas violentas e os senhores como pessoas piedosas. Gama não só evidencia a brutalidade dos senhores, como reveste de descrições cristãs os sofrimentos da vítima, apelando para uma analogia que, esperava-se, afetaria os seus leitores. Ao revelar a violência contra uma

criança de nove anos, ele sentencia:

Isto nada tem de notável, a pessoa que descende de uma família considerável, e de ramo, célebre tanto pelo sangue como pelo crime, e pelo homicídio, não é muito que odeie, que deteste mesmo, uma infeliz criança que nasceu de ventre escravo [...] É proveitoso, para exemplo de futuros ingênuos, filhos de escravas, que a criança, com o corpo todo chagado, cicatrizado, em parte, ensanguentado, fosse posta em uma arca, no quintal de suntuoso palacete, num chiqueiro com seus irmãos porcos [...] É suntuoso, é edificante, é bíblico, ver-se os porcos comerem, na mesma gamela, como aquela cristão de raça preta (GAMA, 2023, p.240).

Com ironia, Luiz Gama revira o imaginário cristão da nobreza paulista a fim de desnudar a sua perversidade, faz isso humanizando a criança negra de nove anos e afirmando a descendência criminosa de seus senhores. As analogias bíblicas são recorrentes na obra, são recursos retóricos que intensificam o horror vivido pelos escravos.

A reunião desses textos revela uma continuidade nas formulações de Luiz Gama, que caminham numa crescente análise das engrenagens insidiosas do sistema escravocrata. Nela, é possível ler uma carta na qual o advogado formula a máxima “o escravo que mata o seu senhor cumpre uma prescrição inevitável de direito natural”. A afirmação é conhecida de muitos, mas é só uma parte de um todo e o todo, nesse caso, é valioso demais para não ser exposto aqui. A formulação de Luiz Gama nasce como resposta a um texto de um professor de Direito do Largo São Francisco, instituição que até os nossos dias forma pessoas poderosas: senadores, presidentes etc.

Para a melhor compreensão do ocorrido, segue breve explicação: em Itu, São Paulo, quatro escravos haviam assassinado um filho de um fazendeiro escravocrata, após o crime, os quatro se dirigiram à polícia e se entregaram. A população de Itu, furiosa diante do crime, munida de pau, pedra, faca, enxada e machado, entrou na delegacia e linchou os quatro réus confessos. Diante do horror da notícia, o Dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, professor de Direito do Largo Francisco, justificou, em uma publicação na imprensa, a violência da população de Itu. Luiz Gama, contrário à opinião de Leite Moraes, escreveu sobre a diferença crucial entre os dois atos de violência:

Há cenas de tanta grandeza, ou de tanta miséria, que, por completas, em seu gênero, se não descrevem: o mundo e o átomo por si mesmo se definem; o crime e a virtude guardam a

mesma proporção; assim o escravo que mata o senhor, que cumpre uma prescrição inevitável de direito natural, e o povo indigno, que assassina heróis, jamais se confundirão (GAMA, 2023, p. 281).

Essa breve explicação evidencia o que o livro *Liberdade* tem para oferecer às pesquisadoras e aos pesquisadores, sobretudo aos interessados no século XIX. A obra é cara, pois reafirma a existência de diferentes vozes e opiniões diante do horror da escravidão. Ao revelar os meandros legislativos e como as leis já existentes eram burladas, o abolicionista revela também o caráter profundamente interesseiro de quem criava as leis vigentes à época.

Além disso, o livro apresenta a carta na qual Luiz Gama fala da sua família, da mãe Luiza Mahin, e do pai, um fidalgo português, deste Gama decidiu ocultar o nome. A carta é destinada a Lúcio de Mendonça, seu amigo. O historiador Bruno de Lima, no comentário que apresenta o texto, alerta que a carta é “uma obra de arte da literatura brasileira” e que “A carta, que pode ser lida como autobiografia, se o leitor se permitir vestir de destinatário da mensagem, é um monumento à criatividade” (LIMA, 2023, p.59).

O tom dos textos reunidos em *Liberdade* é corajoso e radical. Esses textos foram escritos nos dois últimos anos de vida de Luiz Gama, o último deles é datado de 02 de agosto de 1882, doze dias antes de sua morte. Ele sabia que a doença enfraquecia seu corpo e, ao que parece, essa consciência estimulava a ação radical de sua pena. Dado a força desse tom, o livro encoraja os leitores a indignar-se, assim como Luiz Gama o fez, diante das injustiças do mundo.

É pesaroso constatar que esses textos escritos na penúltima década do século XIX ainda soem coerentes aos leitores do século XXI. Em artigo publicado na *Gazeta do povo* em 1881, Gama indaga “Será possível que uma província, com foros de civilizada, consista que se matem homens à fome dentro de uma jaula?! (GAMA, 2023, p.387).

Em 1993, Gilberto Gil e Caetano observaram uma engrenagem perversa, ainda resquício daquela denunciada por Gama “E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo/Diante da chacina/ 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos”. Em 2002, na cidade que Luis Gama fez história, o grupo *Racionais Mc’s*, tal como o abolicionista, usa da voz para apontar que a violência é advinda, muitas vezes, do governo que deveria trabalhar no empenho de evitá-la. “Desde o início por ouro e prata/ Olha quem morre, então veja você quem mata/ Recebe o mérito, a farda que pratica o mal/ Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”.

O livro *Liberdade* é uma obra fundamental para a compreensão política do século XIX, na obra conhecemos o empenho jurídico e os esforços pessoais de um personagem que dedicou parte de sua vida à luta

abolicionista. O leitor e a leitora atentos perceberão que a obra ilumina a realidade e faz surgir aos nossos olhos as sombras do regime escravocrata que ainda incidem sobre o sistema judiciário brasileiro.

REFERÊNCIAS

LIMA, Bruno Rodrigues de (org.). *Liberdade (1880-1882)*. São Paulo: Hedra, 2023. 441 p. (Obras Completas de Luiz Gama).

RACIONAIS MCs, *Negro Drama*. CD. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo. 2002. Disponível em: <https://youtu.be/tWSr-NDZI4s> Acesso em: 25 jul. 2024.

VELOSO, Caetano, GIL, Gilberto. *Haiti*. Rio de Janeiro. Polygram/Philips. 1993. Disponível em: <https://youtu.be/MfAxBoxdlb0> Acesso em: 25 jul. 2024.

Recebido em: 5 ag. 2024

Aprovado em: 30 set. 2024